EXTRA-CLASSE

‘Domésticas’ resume drama da mulher

Fotos: RENATO SEERIG

Sessão de cinema embasou debate das mulheres: Valeska, Fabiane, Misiara e Eloá

A apresentação de “Domésticas, o filme” na sessão de cinema do projeto *Cultura na SEDUFSM* na quarta, 7 de março, estimulou um bom debate sobre a questão do preconceito racial e do machismo às vésperas do Dia Internacional da Mulher. O filme, que tem duração de 90 min e a direção de Fernando Meirelles e Nando Olival retrata o dia-a-dia, os dramas e as alegrias de cinco empregadas domésticas em São Paulo. Constata ainda a “invisibilidade” dessas trabalhadoras, como ressaltaram a vereadora Misiara Oliveira, do PT de Santa Maria, uma das convidadas para debater o filme junto com a professora Valeska Fortes de Oliveira, do Centro de Educação da UFSM. Também participou da análise do filme, Maria Eloá Ortiz, do projeto “Catando Cidadania”.

Valeska Oliveira, que há bastante tempo pesquisa as questões de gênero, disse ter visto o filme várias vezes e, que, a cada momento, descobre uma nova faceta que ainda não tinha percebido. Destacou que no Brasil, 19% do trabalho feminino é feito por domésticas. A educadora ressaltou que sente dificuldade em trabalhar esses temas com docentes de escolas públicas, pelo fato de muitos carregarem em seu imaginário a idéia de que algumas meninas só podem ser domésticas no futuro.

A exibição da película e o debate sobre o tema teve a coordenação da professora Fabiane Costas, do Centro de Educação da UFSM, também vice-presidente da SEDUFSM. Cerca de 40 pessoas prestigiaram o evento, dentre estas, uma comitiva de três militantes da Via Campesina, vindas do município de Jóia, para atividades na região.

Militantes da Via Campesina assistiram ao evento

“Negra-branca”

A catadora Maria Eloá Ortiz, que em sua vida já trabalhou como doméstica e acompanhante de idosos, contou um pouco de sua vida, destacando como uma das principais nuances o tratamento racista que recebeu diversas vezes. Em uma casa de família que trabalhou, em Porto Alegre, as pessoas eram muito afeiçoadas por ela, e como forma de expressar carinho a chamavam de “negra branca”. Eloá, como é mais conhecida, demonstra ser muito feliz com aquilo que faz. Depois de vencer uma luta contra o câncer, ela hoje vive com uma aposentadoria de um salário mínimo e ajuda a seu filho no trabalho de catadora de materiais recicláveis. Além de participar do Coral de Catadores, Eloá integra um grupo de teatro amador chamado “Mãos Dadas”.

Reconstruir o imaginário

No entendimento da vereadora Misiara Oliveira, é preciso defender as mulheres dentro do contexto dos direitos humanos. Segundo ela, “mulheres pobres negras continuam a viver como servidora da classe média e rica”. Especificamente sobre as domésticas, destacou que existem 8 milhões de trabalhadoras desse tipo no Brasil e, que, muitas, vivem num quadro de mão-de-obra infantil. E, que, conforme a Federação das Trabalhadoras Domésticas, 2 milhões de pessoas exercem trabalho doméstico sem remuneração, entre essas, de 500 a 600 mil crianças.

Numa abordagem mais filosófica, a vereadora argumentou que é preciso reconstruir o imaginário coletivo da sociedade em relação à mulher. “Temos que fazer uma auto-afirmação do feminino” e, citando Rosiska Darcy, implementar o “elogio à diferença”. Um dos principais aspectos a serem discutidos e superados, segundo a parlamentar, que milita há cerca de duas décadas no Movimento Feminista, é o fato de que a mulher ainda está distante das estruturas de poder, sejam econômicas ou políticas.

Maria Eloá: enfrentando o racismo

Misiara: auto-afirmação do feminino

“Vivemos uma contradição permanente, pois os espaços de poder são para os homens e, para conseguirmos adentrar a esses espaços, muitas vezes temos que nos masculinizar, pois, por exemplo, na política, não existe espaço para o afeto”. Misiara acredita que reverter essa situação é a principal luta das mulheres hoje.